

AOS OLHOS DE QUEM: NARRATIVAS VISUAIS AMARELAS

IN WHOSE EYES: YELLOW VISUAL NARRATIVES

Daysa Namie Yoshida¹

Tiffany Yassuda Taira²

Thaís Regina Ueno Yamada³

Resumo: Este artigo apresenta o processo de criação de uma coletânea de ilustrações com foco nas temáticas sobre identidade amarela, preconceito anti-asiático, xenofobia, microagressões e falta de representatividade asiática. Como recurso principal, a ilustração foi utilizada como linguagem visual, dentro da perspectiva do design social. A pesquisa foi conduzida por meio de três fases (analítica, criativa e executiva), que exigiu inicialmente um foco na fundamentação teórica, buscando aprofundamento em conceitos e fatores históricos que refletem atualmente nas temáticas aqui abordadas, e posteriormente, estudos sobre metodologias de design, processo criativo e ilustração digital. Como complemento, foi feita uma pesquisa de campo, por meio de um questionário, a fim de coletar experiências de outros asiáticos brasileiros. Com os resultados, foi possível selecionar os temas das ilustrações, com base em uma análise das principais agressões preconceituosas que a população amarela sofre durante décadas, prolongando-se até os dias atuais, mas que remetem aos tempos de colonização, de guerras e de um ideal supremacista eurocêntrico.

Palavras-chave: Asiáticos brasileiros, Identidade amarela, Ilustração digital, Microagressões, Preconceito anti-asiático.

Abstract: This article presents the process of creating a collection of illustrations focusing on the themes of yellow identity, anti-Asian prejudice, xenophobia, microaggressions and lack of Asian representation. As the main resource, illustration was used as a visual language, within the perspective of social design. The research was conducted through three phases (analytical, creative and executive), which initially required a focus on the theoretical foundation, seeking to delve deeper into concepts and historical factors that currently reflect on the themes addressed here, and subsequently, studies on design methodologies, creative process and digital illustration. As a complement, field research was carried out, using a questionnaire, in order to collect experiences from other Brazilian Asians. Through the results, it was possible to select the themes of the illustrations, based on an analysis of the main prejudiced attacks that the yellow population has suffered for decades, continuing to the present day, but which refer to times of colonization, wars and a Eurocentric supremacist ideal.

Keywords: Brazilian Asians, Yellow identity, Digital illustration, Microaggressions, Anti-asian prejudice.

¹ Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, UNESP, daysa.yoshida@unesp.br

² Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, UNESP, tiffany.yassuda@unesp.br

³ Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, UNESP, thais.ueno@unesp.br

1 Introdução

O presente artigo resulta do Trabalho de Conclusão de Curso das autoras Daysa Namie Yoshida e Tiffany Yassuda Taira, apresentado à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, em agosto de 2022, sob orientação da Profª Drª Thaís Regina Ueno Yamada. O propósito do trabalho é apresentar reflexões por meio de ilustrações sobre como os asiáticos amarelos são vistos e estereotipados dentro de uma visão orientalista, a fim de gerar discussões sobre a identidade e representatividade amarela. Para desenvolver as ilustrações, foram feitas pesquisas históricas e de termos sociais (como preconceito, racismo, identidade, orientalismo e xenofobia) e uma coleta de dados a partir de um questionário exclusivo para pessoas de etnias asiáticas. Este questionário buscou abordar questões que fazem parte das vivências da comunidade amarela brasileira, assim traduzindo esses pensamentos em uma linguagem visual que expressasse a perspectiva intimista da temática, de forma que pudesse ser compreensível aos olhos de qualquer pessoa.

Pode-se dizer que as criações apresentadas têm foco exploratório, ao expressarem e retratarem as próprias autoras, em um estilo experimental e não concreto, permitindo diversas interpretações sem a necessidade de se ter soluções definidas. Além disso, o trabalho é fruto de uma combinação entre as áreas de design gráfico, artes e estudos sociais que, apesar de suas particularidades, podem ser associadas de forma coletiva.

Cada ilustração digital da coletânea deu destaque a uma pauta específica, gerando uma narrativa visual marcante, crítica e com significado único que pudesse comunicar, por si só e em conjunto, uma série de indagações que demonstram a necessidade e o apelo de se questionar certas atitudes que nunca foram contestadas.

2 Fundamentação teórica

A etapa de fundamentação teórica se fez importante para dar embasamento aos fatos históricos apresentados no presente trabalho, tais quais a história da imigração japonesa no Brasil e os desafios que os imigrantes enfrentaram ao se encontrarem em uma terra desconhecida. Além disso, constituiu-se pela busca e seleção de materiais que abordam os termos relacionados com a pesquisa no âmbito das ciências sociais, buscando definições e referenciais para os termos: preconceito, racismo, identidade, orientalismo e xenofobia.

2.1 A imigração japonesa no Brasil

Para que se possa assimilar os motivos da imigração japonesa ao Brasil, é importante abordar alguns precedentes históricos que ocorreram no território nipônico, principalmente nos períodos Edo (1603 - 1867) até a primeira parcela do Período Meiji (1868 - 1912) (TAKENAGA, 1987), intervalo em que ocorreram várias transformações governamentais e que, portanto, afetaram a vida da população ali estabelecida.

Por quase sete séculos, o sistema de governo japonês foi o xogunato. Esse período foi marcado por muitas guerras e reclusão, em que as fronteiras japonesas estavam fechadas com o intuito de evitar a colonização europeia. Somente em 1854, o Japão abre novamente suas portas com o Tratado de Kanagawa, assinado com os Estados Unidos, que exigia a abertura do país ao comércio exterior (KOJIMA, 2009). Tal acontecimento foi um marco importantíssimo para a transição do sistema feudal para o retorno do governo imperial, dando início à Restauração Meiji.

A fim de tirar o atraso tecnológico do país, o Japão trabalhava visando o fortalecimento industrial, a modernização dos setores político-sociais e a introdução do sistema capitalista (KOJIMA, 2009). Essas melhorias, juntamente com a expansão agrícola e o crescimento demográfico, deram início ao êxodo rural e, conseqüentemente, às melhorias nas estradas, contribuindo para o avanço da industrialização. Essa concentração urbana foi o estopim para o início da imigração japonesa para outros países.

A chegada oficial dos japoneses ao Brasil data de 18 de junho de 1908 (IBGE, 2008). De um lado, o Japão buscava realocar sua mão de obra excedente e, por outro lado, o Brasil estava passando por situações em que se fazia necessário o recrutamento de imigrantes para substituir a mão de obra escrava e também ocupar suas fronteiras (MATUNAGA, 2016).

Entretanto, chegando ao território brasileiro, o povo japonês se deparou com uma situação de total estranhamento. Aspectos como "o clima, a língua, a alimentação e, sobretudo, as condições de trabalho provocam nesses imigrantes, uma grande desilusão" (SAKURAI, 1998, p. 7). Não o bastante, a remuneração não era tudo aquilo que haviam prometido, além de já se encontrarem em circunstâncias precárias.

2.2 Preconceito amarelo, orientalismo e identidade

Durante o período de guerras, o Brasil, em seu plano de colonização, visava uma população europeia com uma política de branqueamento social a partir de uma contínua

eugenia (SILVA, M., 2020). À medida que as colônias japonesas aumentaram de número, desenvolveu-se o sentimento “anti-japonês” nos brasileiros (SILVA, V., 2008).

Com o histórico de vitória nas batalhas na guerra contra a China e a Rússia, grande parte da população temia a ameaça racial, além de acreditarem que o Japão pretendia conquistar o território brasileiro por meio da imigração. Logo, a disseminação do termo racista “perigo amarelo” ficou mais difundida na sociedade da época.

Com a Segunda Guerra Mundial desenrolando-se, a aversão aos estrangeiros se torna cada vez mais presente, inspirando-se no idealismo fascista de homogeneidade étnica e nacionalista. Durante o Governo Vargas, as atividades japonesas foram limitadas, começando uma espécie de perseguição ao povo amarelo, como a proibição de veículos de mídia em língua japonesa, como jornais e revistas, e o fechamento de escolas que ensinassem a língua nipônica (SAKURAI, 2007).

Já em um contexto histórico fora do Brasil, analisando as ideias de Said (2007), percebe-se que os povos considerados “orientais” foram definidos pelos europeus como uma sociedade isolada, primitiva e inferior. As teorias ocidentais defendiam a existência de diferenças distintivas entre raças, civilizações e línguas. A partir disso, foi imposta a ideia de que dominar o Oriente e convertê-lo era um benefício para ambos os lados. Segundo Said (2007, p. 198), “o Oriente parecia de repente lamentavelmente sub-humanizado, antidemocrático, atrasado, bárbaro, e assim por diante”.

Nesse contexto, o Orientalismo surge dos acontecimentos históricos e da certeza do Ocidente em conhecer muito bem as civilizações do Oriente, através de viagens de descobrimento, exploração colonial, guerras, e da divisão do mundo em dois opostos. A visão orientalista eclode durante a expansão europeia, em que o poder e a força superior ocidental são colocados estrategicamente sobre o Oriente, considerado fraco, atrasado e selvagem (SAID, 2007). Não é à toa que os asiáticos ainda hoje sofrem com uma visão estereotipada, generalizada, como sendo “o outro”, o ser exótico.

Todo esse cenário de imigração e práticas orientalistas resultam em uma descaracterização do indivíduo amarelo, que passa muitas vezes a se questionar sobre a sua verdadeira identidade. Isso acaba sendo muito comum entre os asiáticos brasileiros, que não se enxergam pertencentes a lugar nenhum. No entanto, Hall (2006), através da concepção sociológica, esclarece que é possível compreender a identidade como sendo uma relação conjunta entre o “eu” individual e a sociedade. Segundo ele, o mundo exterior e as diferentes culturas que nos cercam influenciam e refletem na identidade de cada um, mesmo que a essência interior seja predominante.

Aprofundando-se na perspectiva da pós-modernidade, Hall (2006) apresenta uma visão fragmentada e mutável da identidade. Como se existisse uma linha tênue entre o interior e o exterior, possibilitando que o indivíduo tenha várias identidades dentro de si e não apenas aquela que se relaciona com a cultura em que está inserido. A identidade se transforma de acordo com a maneira que somos representados nos sistemas culturais que nos cercam, e é definida historicamente, não biologicamente.

Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é 'preenchida' a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros [...] (HALL, 2006, p. 39).

3 Métodos

O desenvolvimento deste trabalho seguiu duas referências metodológicas, mais bem detalhadas nos tópicos abaixo, sendo: 1) Método Qualitativo; e 2) Método Sistemático para Designers desenvolvido por Bruce Archer.

3.1 Método qualitativo

Para esta pesquisa, foi utilizado o método qualitativo, o qual consiste em respostas narrativas e pontos de vista, com uma análise subjetiva de ideias e experiências.

Para a aquisição de dados, foi aplicado um questionário (item 4.1) formulado a partir de 19 questões, variadas entre múltipla escolha e dissertativas, a respeito das experiências individuais enquanto asiático brasileiro. O questionário foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa — o comitê tem por finalidade defender os interesses dos indivíduos envolvidos na pesquisa, em sua integridade e dignidade, contribuindo para o desenvolvimento do projeto de pesquisa dentro dos padrões éticos consensualmente aceitos e legalmente preconizado — da Faculdade de Artes, Arquitetura, Comunicação e Design, da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus Bauru, e incluiu um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

3.2 Bruce Archer: método sistemático para designers

Em 1965, Leonard Bruce Archer (teórico de design, engenheiro e acadêmico) publicou o livro *Systematic Method for Designers*, pelo Concil of Industrial Design, de Londres (LACERDA, 2012). Considerando o design como a seleção e modelagem dos materiais

certos para atender às necessidades de função e estética dentro das limitações dos meios de produção disponíveis (SILVA, F et al., 2017), Archer busca relacionar vários fatores por meio de sua metodologia, indicando que o processo de design é formado por três principais etapas (Figura 1):

- Fase analítica:
 - Programação: contextualização das necessidades, problemas e detalhes do projeto, basicamente é a geração de um *briefing*;
 - Coleta de Dados: agrupamento de dados obtidos através de pesquisas, experimentações e entrevistas;
- Fase criativa:
 - Análise: avaliação e julgamento dos atributos que servirão de base para o projeto;
 - Síntese: seleção das melhores soluções através da prática de metodologias como *brainstorming* e *moodboards*;
 - Desenvolvimento: etapa em que são elaborados esboços, modelos e prototipagem;
- Fase executiva: após obter a solução para o problema, o designer deve comunicá-la aos interessados (SILVA, F et al., 2017) para que se possa dar início à produção do produto.

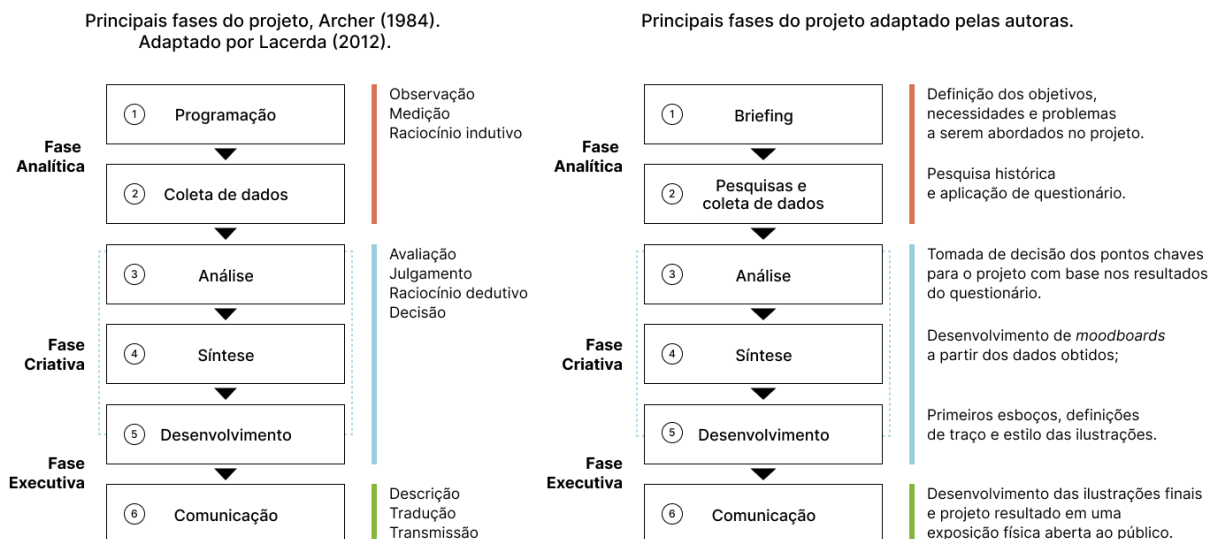


Figura 1 - Comparativo entre a metodologia original e a adaptada pelas autoras.
Fonte: Yoshida e Taira (2022)

4 Fase analítica

A fase analítica foi a etapa inicial de exploração e investigação de ideias. A partir da estruturação e definição da fundamentação teórica, as análises desses dados serviram de base para as fases consecutivas da pesquisa (fase criativa e fase executiva).

Primeiramente, foram reunidas pautas, questionamentos e fatores históricos que se relacionassem com o tema principal da pesquisa. Com os estudos aprofundados desses materiais, suas relações foram analisadas e os dados coletados desencadearam a formação de um mapa mental, que será exibido posteriormente.

Foi através dos estudos sobre imigração e do entendimento de conceitos sociais que ficou claro os problemas enfrentados atualmente e como esses acontecimentos refletem na percepção atual do indivíduo amarelo socialmente.

4.1 Aplicação de questionários

Foi distribuído um questionário restrito apenas para que pessoas de etnias asiáticas respondessem, sobre os temas que permeiam o dia a dia e as vivências em comum da comunidade amarela brasileira.

O questionário foi aplicado de maneira online, através da plataforma Google Forms, disponibilizado entre os dias 30 de junho e 07 de julho de 2022, sendo divulgado por meio de redes sociais e aplicativos de mensagens. Foram 19 questões variadas entre múltiplas escolhas e dissertativas, divididas em seções: 1) dados demográficos e 2) questões que abordam experiências sofridas de discriminação, microagressão, estereótipo e aceitação. Os participantes estavam cientes do caráter investigativo do questionário e acerca da confidencialidade dos dados obtidos.

4.1.1 Resultados dos questionários

Ao todo, foram obtidas 48 respostas e, de acordo com os dados, as características demográficas dos participantes podem ser descritas como: maioria de etnia japonesa (97,9%), predominantemente composta pelo gênero feminino (68,8%) e de faixa etária entre 18 a 25 anos (68,8%).

Ao que diz respeito às experiências vividas, 95,8% alegaram já terem sofrido algum tipo de discriminação por ser asiático, sendo as mais recorrentes: 1) Comentários que reforçam o mito da minoria modelo (97,9%); 2) Julgamentos e piadas sobre sua aparência física (81,3%); e 3) Manifestações xenofóbicas (47,9%).

Quanto ao público feminino, 45,8% afirmaram que já foram vítimas de frases fetichistas, tais quais “Sempre quis namorar com uma japonesa”. Já para o público masculino, as ofensas são direcionadas ao tamanho do falo e a diminuição de sua masculinidade.

Em relação a pandemia da COVID-19, a maioria sofreu algum tipo de discriminação por considerarem a origem do vírus proveniente da Ásia. Foram relatados alguns comentários, como “Vachina”, “Isso veio da sua terra”, “Volta pra China”, “Tinha que ser oriental pra comer morcego” e “Foi lá do seu país”.

4.1.2 Finalidade dos dados obtidos

O questionário, além de servir como uma forma de evidenciar e buscar repertórios embasados em experiências sobre os assuntos aqui abordados, foi utilizado como guia para transpor as vivências dos asiáticos brasileiros em forma de representações visuais. Assim sendo, os dados coletados ajudaram a desenvolver os *moodboards* e conseqüentemente, as ideias para construção das ilustrações, mostrando quais os caminhos principais que poderiam ser seguidos para os temas das obras.

Muitas das ilustrações vêm acompanhadas de títulos que ajudam o observador a identificar o assunto que está sendo tratado na obra, inspirados em frases que foram expressas pelos participantes do questionário quando perguntados “Quais expressões ofensivas você já ouviu por ser asiático?”, tendo como resposta “Abre o olho, japonês”, “Asiático é tudo igual”, “Sempre quis ficar com um asiático(a)”, entre outras.

5 Fase criativa

A fase criativa foi o momento de reunir as informações coletadas na etapa anterior (analítica) e fazer recortes dos temas mais relevantes ao projeto. A partir disso, foram utilizadas técnicas de desenvolvimento de ideias (*brainstorming*, mapa mental) para que se conseguisse chegar a soluções criativas mais concretas.

5.1 Brainstorming e mapa mental

Como auxílio introdutório à fase criativa de geração de ideias, exposta por Baxter (1998), foi feito um *brainstorming*. Nessa etapa, os participantes deviam expressar suas ideias e recorrer a soluções para o problema, com liberdade e sem julgamentos prévios.

A dinâmica do *brainstorming* resultou em um mapa mental, permitindo uma melhor visualização de todas as alternativas existentes para que fosse feito um trabalho

posterior de seleção e exclusão de ideias. A construção do mapa mental ocorreu por meio da divisão em tópicos com abordagens específicas (Figura 2): Fetichismo, Estereótipos, Microagressões, Minoria modelo e Identidade.



Figura 2 - Mapa mental. Fonte: Yoshida e Taira (2022)

5.2 Moodboards

O painel semântico, ou comumente denominado no inglês de *moodboard*, é uma ferramenta estratégica que consiste na reunião de diversos elementos visuais, que juntos têm a função de servirem como referências visuais e simbólicas para estimular a criatividade. Segundo Pereira (2010), o *moodboard* não precisa necessariamente apresentar um modelo padronizado. Sua construção pode ser organizada com liberdade, de acordo com as características específicas do projeto.

Assim, foram desenvolvidos dois estilos de *moodboards* (Figura 3), um voltado para o conceitual e o outro de referências visuais. O primeiro consiste em imagens mais subjetivas e livres, remetendo a sensações, sentimentos ou lembranças que refletem no caráter estético das ilustrações finais. Já o segundo, voltado para referências visuais, é mais concreto que o *moodboard* conceitual, reunindo modelos definidos de ilustrações e trabalhos com propostas semelhantes ao atual projeto.

Moodboard conceitual



Moodboard de referências visuais



Figura 3 - Moodboard conceitual e de referências visuais. Fonte: Yoshida e Taira (2022)

5.3 Esboços

A partir dos *moodboards*, alguns esboços (Figura 4) foram desenvolvidos, com bastante liberdade criativa, seguindo os temas citados no mapa mental. Esses esboços ainda não apresentavam um estilo definido, nem preocupações com estética e definição de detalhes. Foi um momento inicial para colocar em práticas as ideias e os conceitos adquiridos pelo *brainstorming*, de maneira visual.



Figura 4 - Esboços. Fonte: Yoshida e Taira (2022)

6 Fase executiva

A fase executiva iniciou-se com a seleção dos esboços mais relevantes desenvolvidos na fase criativa. Em seguida, foi determinado que o estilo das obras seguiria um meio termo entre o realismo e o *cartoon*⁴ para que tivessem uma aproximação com o público, mas que também criassem um cenário lúdico de imersão e interpretação.

⁴ Expressão que vem do inglês e refere-se ao estilo de desenho com traço cartunizado.

6.1 Desenvolvimento das ilustrações

Como o trabalho foi realizado a partir da colaboração entre duas pessoas, foi decidido qual seria o procedimento técnico e a dinâmica entre ambas as autoras para que se iniciasse o processo de desenvolvimento das ilustrações, mantendo-se o mesmo estilo visual em todas elas. O processo foi dividido em três etapas, da seguinte maneira: desenvolvimento da *line art*⁵ por Tiffany Yassuda, coloração e sombreado por Daysa Yoshida e acréscimo de detalhes por Tiffany Yassuda. Desse modo, ambas conseguiram participar da construção das ilustrações de forma igualitária, combinando e unindo os estilos de cada uma, sem perder a essência individual ou resultando em uma quebra da unidade visual das obras.

As ilustrações foram feitas digitalmente pelo programa *Adobe Photoshop*⁶, em tamanho A3 (297x420mm), 300 dpi e em cores RGB, pensando-se primeiramente na exibição para fins digitais. Com a proposta da exposição presencial, as cores foram ajustadas para o CMYK, adequando-as às especificações para impressão.

6.2 Resultado das ilustrações

A seguir, serão apresentadas as três etapas de desenvolvimento (*sketch*, *line art* e cores de base) de cada uma das dez ilustrações que compõem a coletânea, assim como os resultados finais (ilustrações concluídas) e seus significados.

6.2.1 Ilustração I: Abre o olho, japonês

A ilustração que inicia a coletânea apresenta ao público uma narrativa forte, por meio da representação da frase racista “Abre o olho, japonês”, expressão esta que é diariamente ouvida pela população amarela e que zomba, inferioriza e exotiza os traços asiáticos (Figuras 5 e 6). As mãos abrindo forçadamente os olhos do personagem simbolizam essa agressão e a dificuldade de aceitação da característica étnica, causando na vítima uma distorção da autoimagem, interpretando seus traços como algo ruim, feio e defeituoso, afetando diretamente a autoestima.

⁵ Expressão que vem do inglês e pode ser entendida como o contorno ou traço do desenho.

⁶ Adobe Photoshop é um *software* caracterizado como editor de imagens que oferece diversas funções para trabalhos digitais. O *software* é normalmente utilizado por fotógrafos, *designers* e profissionais de *web*, pois proporciona o controle criativo de manipulação e composição de imagens 2D.

As cores utilizadas são mais neutras e o destaque principal está na frase em vermelho ao fundo, que chama a atenção em um primeiro momento. A fonte utilizada na escrita apresenta características mais rústicas, como se fossem pinceladas.



Figura 5 - Etapas da ilustração I. Fonte: Yoshida e Taira (2022)



Figura 6 - Ilustração I (versão final). Fonte: Yoshida e Taira (2022)

6.2.2 Ilustração II: Amarelou

Na língua portuguesa existe a expressão “amarelar”, que significa “acovardar-se”. Pode-se dizer que essa expressão teve origem a partir do contexto pós-guerra, no qual os japoneses enfrentaram diversas dificuldades e rejeição por parte da população brasileira, que ainda os encarava como inimigos da nação. Para serem aceitos socialmente, a população nipônica passou a evitar conflitos socialmente, não entrando em discussões ou omitindo suas opiniões. Observando esse comportamento, os

brasileiros começaram a criar a concepção do japonês covarde e amedrontado, passando essa imagem também a outros grupos étnicos asiáticos. Daí surgiu a relação entre a covardia e a “cor” da pele amarela.

Partindo disso, a composição II (Figuras 7 e 8) mostra uma pessoa no centro na imagem, em tamanho menor que os demais personagens ao seu redor, recebendo flechadas, sendo ridicularizada como um alvo “fácil”, criando um cenário de inferioridade por meio de julgamentos provenientes de gestos negativos. Apesar da cor amarela normalmente representar alegria e otimismo, nesse contexto há uma inversão de seu significado, ao ponto de que o que era para ser um destaque positivo, acaba se mostrando o oposto, uma exposição vulnerável e repressiva.

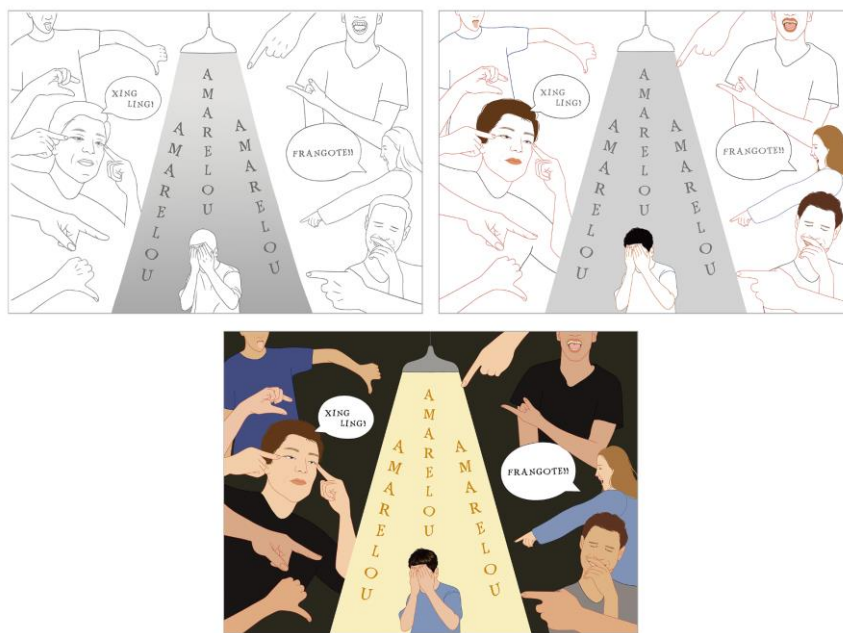


Figura 7 - Etapas da ilustração II. Fonte: Yoshida e Taira (2022)



Figura 8 - Ilustração II (versão final). Fonte: Yoshida e Taira (2022)

6.2.3 Ilustração III: O que esperam de mim

Nessa ilustração foi abordado o tema do mito da minoria modelo, imaginando que todos os asiáticos são inteligentes e disciplinados por conta de sua etnia (Figuras 9 e 10). Entretanto, essa rotulagem desencadeia uma pressão em suprir as expectativas depositadas, pois a origem desse mito surgiu em um contexto em que a população japonesa buscava uma oportunidade de melhorar de vida por meio dos estudos. Até hoje, esse pensamento de “ser alguém na vida” é levado a sério.

Em relação à composição visual, o uso predominante dos tons de roxo remete a um sentido de melancolia. Os objetos bagunçados na mesa do personagem mostram o caos do espaço sufocante, a indiferença para as coisas ao seu redor, voltando toda a sua concentração nos estudos. Na parte superior, é possível ver comentários preconceituosos e piadas maldosas desencadeadas pelo mito da minoria modelo.

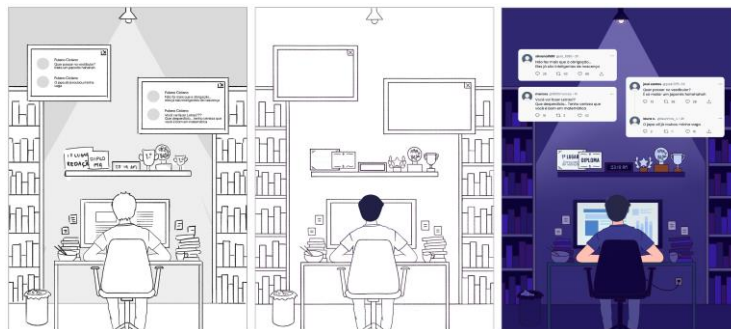


Figura 9 - Etapas da ilustração III. Fonte: Yoshida e Taira (2022)



Figura 10 - Ilustração III (versão final). Fonte: Yoshida e Taira (2022)

6.2.4 Ilustração IV: Nem boneca exótica, nem fetiche

A quarta composição gira em torno da exotização e da hipersexualização do corpo asiático, principalmente o feminino. A ilustração representa uma gueixa, que no Japão eram mulheres formadas em artes e que participavam de eventos importantes com o intuito de entreter o público. Entretanto, após a rendição do Japão na guerra em 1945, a imagem da gueixa passou a ser vinculada à prostituição. A imagem da mulher asiática passou de mística e perigosa, para dócil, submissa e atrativa pela exotização.

Frases como “Sempre quis ficar com uma japonesa” e “Meu fetiche são mulheres asiáticas” estão presentes no cotidiano de muitas mulheres descendentes, originando um termo que descreve a prática dos homens não asiáticos que apenas buscam se relacionar com mulheres amarelas: o *yellow fever*.

A ilustração IV tem como intuito promover o feminismo amarelo, a fim de desnormalizar e contestar o fetiche em corpos asiáticos (Figuras 11 e 12). A composição pede um teor mais firme, por isso para a frase “Não sou sua boneca exótica... e muito menos seu fetiche” foi escolhida uma fonte tipográfica que tem aspecto de líquido escorrendo, fazendo alusão explícita ao sangue, um símbolo de luta. A estampa do fundo possui a estética do papel de pergaminhos antigos.



Figura 11 - Etapas da ilustração IV. Fonte: Yoshida e Taira (2022)



Figura 12 - Ilustração IV (versão final). Fonte: Yoshida e Taira (2022)

6.2.5 Ilustração V: Quem eu sou?

Ao passar a vida sendo considerado um estrangeiro, não importa onde esteja, o descendente asiático tem sua personalidade fragmentada, não conseguindo identificar-se apenas com uma única cultura, sendo difícil compreender sua natureza como um todo. Além disso, todos os preconceitos e microagressões já vivenciados refletem na construção e aceitação como indivíduo. Nesse sentido, a composição V busca explorar o tema da afirmação da identidade e do autoconhecimento (Figuras 13 e 14).

A ilustração representa, através do espelho trincado, o não conseguir se enxergar por inteiro, refletindo a imagem distorcida do ponto de vista da personagem, que se observa. No canto inferior direito são apresentadas memórias, por meio de fotografias de familiares e lugares que ajudam na formalização ou reconstrução da identidade.

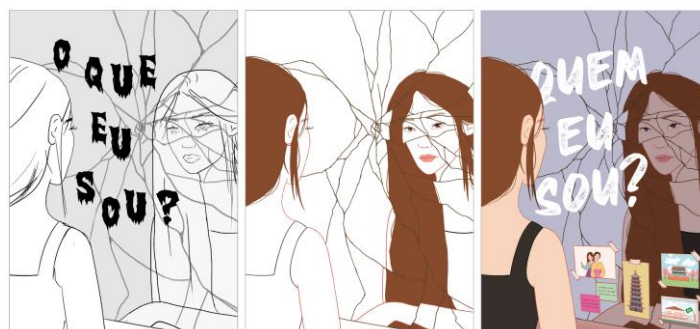


Figura 13 - Etapas da ilustração V. Fonte: Yoshida e Taira (2022)



Figura 14 - Ilustração V (versão final). Fonte: Yoshida e Taira (2022)

6.2.6 Ilustração VI: Por trás de cada olhar... existe uma história diferente

A sexta ilustração responde aos estereótipos de que “Os asiáticos são todos iguais” (Figuras 15 e 16). Através da frase título “Por trás de cada olhar... existe uma história diferente”, o intuito é enfatizar a particularidade de cada indivíduo, não o resumindo apenas a uma característica física, mas salientando que existe uma vivência por trás de cada ser único, sendo possível observar diferentes formatos de olhares. A ideia em focar especificamente nos olhos dos personagens surgiu devido às frequentes “piadas” que todo descendente de asiáticos já ouviu ao longo da vida.

Para a frase “Por trás de cada olhar... existe uma história diferente” foi utilizada uma fonte com traço bem fino e aspectos manuscritos delicados.



Figura 15 - Etapas da ilustração VI. Fonte: Yoshida e Taira (2022)



Figura 16 - Ilustração VI (versão final). Fonte: Yoshida e Taira (2022)

6.2.7 Ilustração VII: Memória afetiva

A sétima ilustração faz referência ao conto do “Fio vermelho do destino” ou “Akai Ito” em japonês. Essa lenda tem origem chinesa e conta que aqueles que estão conectados por esse fio estão destinados a ficarem juntos para sempre. Fazendo alusão à lenda, porém retirando-a do contexto romântico, a Ilustração VII mostra um par de mãos entrelaçadas por uma faixa vermelha com diversas palavras que se relacionam com elementos significativos da cultura japonesa (Figuras 17 e 18).

O fundo azul da ilustração cria contrastes com as cores quentes dos elementos superiores, assim como transmite uma sensação mais lúdica. Para as palavras no decorrer da fita vermelha foi usada uma tipografia que apresenta influência asiática.



Figura 17 - Etapas da ilustração VII. Fonte: Yoshida e Taira (2022)



Figura 18 - Ilustração VII (versão final). Fonte: Yoshida e Taira (2022)

6.2.8 Ilustração VIII: Ninguém é igual a ninguém

A ilustração VIII também explora o tema da indiferenciação étnica que se tem ao não levar em consideração as particularidades culturais e fenotípicas de cada grupo pertencente ao continente asiático, caricaturizando essas etnias por meio de expressões como “É tudo a mesma coisa” (Figuras 19 e 20). Na criação, houve a preocupação em relação à representatividade, especificamente amarela, enfatizando a abrangência étnica-racial asiática.

O uso do azul no fundo e dos tons pastéis nas molduras são cores leves que combinam com a proposta reconfortante que a obra transmite. As palavras “Individualidade”, “Diversidade”, “Alteridade” e “Particularidade” foram escritas em complemento à criação.



Figura 19 - Etapas da ilustração VIII. Fonte: Yoshida e Taira (2022)



Figura 20 - Ilustração VIII (versão final). Fonte: Yoshida e Taira (2022)

6.2.9 Ilustração IX: Equilíbrio

A Ilustração IX traz uma composição com referência ao símbolo do *Yin-yang*⁷, representando elementos opostos, mas que se complementam. Essa composição possui uma essência leve, explorando cores que possibilitam uma visão mais fantasiosa, como se os objetos estivessem flutuando em uma imensidão diversa, justamente para mostrar que existe um lado bom em conciliar as duas culturas, nesse caso a cultura brasileira e a japonesa, agregando na bagagem cultural do indivíduo, expandindo repertórios e referências (Figuras 21 e 22).

Por existir a conexão de que o Brasil está no lado oposto ao Japão, foi reproduzido cada elemento com o seu correspondente oposto, por exemplo, o *shiba-inu* (cachorro típico do Japão) e o cachorro caramelo (cachorro vira lata comum no Brasil), os chinelos havaianas e os chinelos de palha japoneses (*geta*), o arroz com feijão (comida essencial na refeição dos brasileiros) e o *onigiri* (bolinho de arroz), entre outros exemplos.

⁷ *Yin* e *Yang* são conceitos do taoísmo que expõem a dualidade de tudo que existe no universo. São ao mesmo tempo antagônicos e complementares.

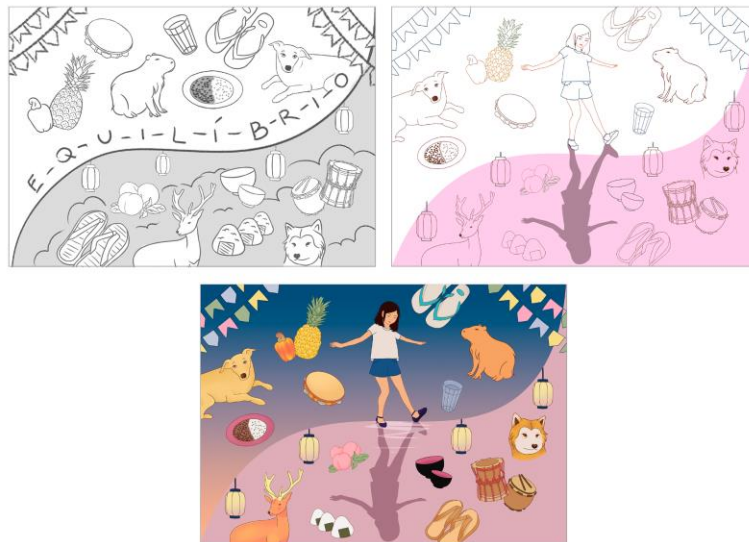


Figura 21 - Etapas da ilustração IX. Fonte: Yoshida e Taira (2022)

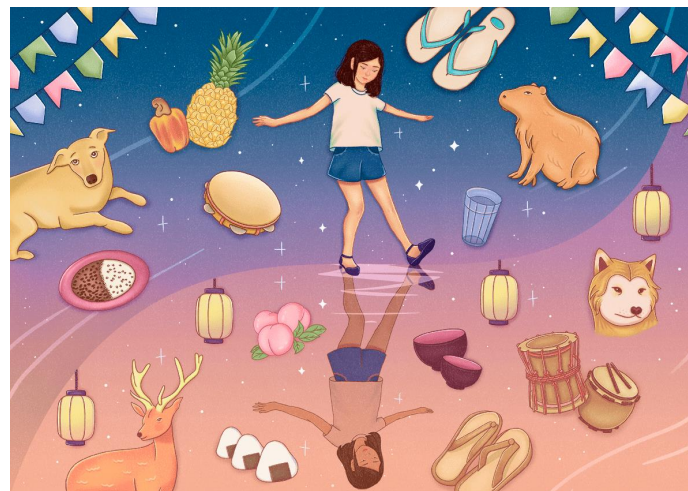


Figura 22 - Ilustração IX (versão final). Fonte: Yoshida e Taira (2022)

6.3 Ilustração X: NAOMI

Com a pandemia do COVID-19, houve um aumento nos casos de xenofobia contra asiáticos, atribuindo-se a culpa do surgimento do vírus ao povo chinês. Entretanto, esses discursos de ódio atingem toda a comunidade asiática, pois os agressores não se importam em diferenciar a origem étnica e a nacionalidade das pessoas com fenótipo asiático (KOHATSU; SAITO; ANDRADE, 2021).

Em 2021, os Jogos Olímpicos foram realizados no Japão e esse evento desencadeou outra onda de manifestações de ódio contra a população asiática, mostrando que a rivalidade ultrapassou o âmbito esportivo. Partindo desse contexto, a ilustração X (Figuras 23 e 24) é uma homenagem à tenista Naomi Osaka, que tem

ascendência afro-asiática e foi escolhida para representar o país nipônico, mas ainda assim, também é vítima de racismo por ser negra e não ser “japonesa o suficiente”.

Naomi Osaka é uma figura muito importante no cenário atual, que demonstra de certa forma, uma união e solidariedade antirracista entre dois grupos étnicos distintos, que são atingidos pelo racismo de formas e em graus diferentes, mas cuja raiz do problema ainda é guiada pelo mesmo fator em comum: a supremacia racial branca.

A predominância das cores quentes que remetem ao fogo cria uma atmosfera marcante e forte, enquanto os tons mais claros do fundo equilibram esse contraste, deixando a obra harmoniosa. A obra conclui a coletânea das dez ilustrações que foram apresentadas, finalizando a construção de uma narrativa visual.

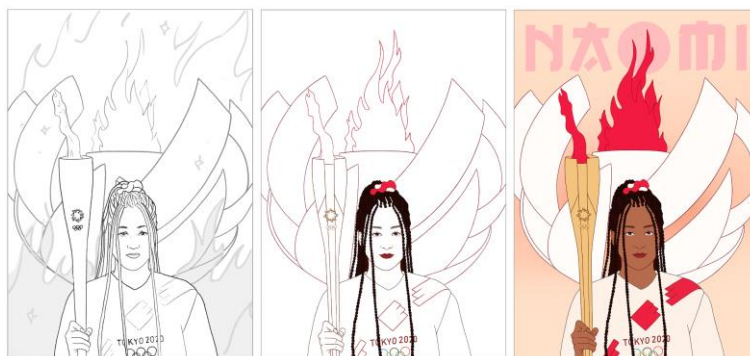


Figura 23 - Etapas da ilustração X. Fonte: Yoshida e Taira (2022)



Figura 24 - Ilustração X (versão final). Fonte: Yoshida e Taira (2022)

7 Resultados da pesquisa

Com a finalização das ilustrações, foi possível organizar uma exposição física, com o intuito de dar maior visibilidade às pautas asiáticas e promover a responsabilidade social. Essa exposição ocorreu no campus da Biblioteca da UNESP de Bauru, entre os dias 2 a 16 de agosto de 2022. Além de conseguir visualizar as ilustrações, o público também pôde responder um breve questionário de *feedback*, com as perguntas sendo divididas para asiáticos e não-asiáticos. Essa divisão fez-se necessária para melhor analisar as experiências de cada um.

Para as pessoas asiáticas, foi perguntado se o indivíduo identificou-se com o tema, ou seja, se já foi vítima de alguma dessas microagressões e estereótipos abordados nas ilustrações, sendo que 100% responderam que sim.

A obra "Ilustração VI - Por trás de cada olhar... existe uma história diferente" foi considerada a mais tocante (50% dos votos) por expressar a individualidade. Por outro lado, o público asiático também expressou desconforto ao ver expressões como "xing ling" e "abre o olho, japonês", que lembravam momentos de *bullying* e exclusão vivenciados na infância.

Por fim, os indivíduos asiáticos que responderam ao questionário consideraram a exposição acolhedora, ajudando na percepção e autoafirmação de sua identidade.

Para as pessoas não-asiáticas, foi perguntado se elas já haviam se questionado a respeito do preconceito e racismo sofrido por asiáticos, sendo que 85,7% responderam que sim. Já 100% das pessoas responderam que sim quando perguntadas se já haviam praticado ou acobertado alguma discriminação anti-asiática.

As obras votadas como mais tocantes foram a "Ilustração VIII - Ninguém é igual a ninguém" (com 28,6% dos votos, o público elegeu a ilustração por conta da representatividade), e a "Ilustração IV - Nem boneca exótica, nem fetiche" (também com 28,6% dos votos, as pessoas alegaram já ter presenciado comportamentos fetichistas).

Portanto, quando perguntadas se a exposição ajudou a obter uma nova visão acerca do preconceito contra asiáticos, 100% responderam que sim. Pelas respostas dos participantes, muitos passaram a refletir sobre comportamentos racistas que antes passavam despercebidos e até em forma de piadas, concluindo que a exposição trouxe mais conhecimento e reflexão.

8 Conclusão

Este trabalho teve como objetivo representar, por meio de ilustrações, as manifestações de preconceito, racismo, xenofobia e microagressões que a população asiática sofre de forma naturalizada e enraizada no Brasil e no mundo. O propósito não foi somente propor uma discussão dentro do círculo de pessoas asiáticas, mas expandir o assunto para a sociedade em geral, detendo a propagação de estereótipos e falas pejorativas que afetam esse grupo étnico.

Para a construção do repertório, além das experiências pessoais das autoras e aquelas vividas pelo restante da população amarela, também foram realizadas pesquisas que abrangem o contexto histórico, desde o período imperialista, até os dias atuais, sendo possível observar como se deu a construção de todo o imaginário acerca dos asiáticos, sob uma visão orientalista, colonizadora e que visava o embranquecimento da população.

Além da pesquisa e da defesa teórica, a parte prática, consistida pelas ilustrações dentro do âmbito do design ativista, tem como propósito a divulgação de temas político-sociais, por meio de recursos visuais que gerem impacto na comunidade, promovendo a responsabilidade social. Por meio dessas ilustrações, as autoras dispõem da capacidade de comunicação e transmissão de mensagens, traduzindo seus pensamentos em forma de imagem, de modo a despertar sentimentos e o pensamento crítico em quem observa as obras. É importante frisar que cada espectador possui um repertório próprio, este que pode influenciar na interpretação de cada composição, atingindo-o de maneira única. Essa diferença nas vivências de cada indivíduo gera uma discussão muito enriquecedora para o ambiente ativista, pois possibilita a observação de vários pontos de vista, gerando debates e esclarecimentos acerca do assunto.

Com o resultado deste trabalho, espera-se que cada vez mais discussões sobre o racismo e preconceito amarelo sejam abordadas e valorizadas, encorajando demais pessoas racializadas a se imporem e questionarem o seu espaço perante uma hegemonia majoritariamente branca.

Referências

BAXTER, Mike. **Projeto de produto**: Guia prático para o design de novos produtos. São Paulo: Blucher, 1998. 272 p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 102 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Resistência & integração**: 100 anos de imigração japonesa no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

KOHATSU, Lineu Norio; SAITO, Gabriel Katsumi; ANDRADE, Patrícia Ferreira de. Imigração, mídia e xenofobia: a ameaça imaginária em questão. *In*: SILVA, Pedro Fernando da; BORZUK, Cristiane Souza; JUNIOR, Gil Gonçalves. **Teoria crítica, violência e resistência**. São Paulo: Blucher, 2021. cap. 7, p. 125-146.

KOJIMA, Lina. **Migração repetitiva entre o Brasil e o Japão**. 2009. 133 f. Monografia (Especialização) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8157/tde-08022010-100553/publico/LINA_KOJIMA.pdf. Acesso em: 3 mar. 2022.

LACERDA, A. P. DE. **Pioneiros Dos Métodos De Projeto (1962-1973): Redes Na Gênese Da Metodologia Do Design**. [s.l.] UFRGS Universidade Federal do rio Grande do Sul, 2012.

MATUNAGA, Alcides Tetsuo. A construção da territorialidade nikkei no Brasil. **Revista brasileira de iniciação científica**, Itapetininga, v. 3, n. 5, p. 3-30, jul. 2016. Trimestral. Disponível em: <https://periodicos.itp.ifsp.edu.br/index.php/IC/article/download/240/308>. Acesso em: 08 jan. 2022.

PEREIRA, Taís Vieira. **Moodboard como espaço de construção de metáforas**. 2010. 179 p. Tese (Doutorado) - Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-graduação, Universidade do Vale do Rio Sinos, São Leopoldo, 2010.

SAID, Edward. **Orientalismo**: o oriente como invenção do ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 528 p.

SAKURAI, Célia. Imigração japonesa para o Brasil. Um exemplo de imigração tutelada-1908-1941. *In*: ENCONTRO NACIONAL DA ANAPOCS: GT 9 MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS, 22., 1998, Caxambu. **Anais** [...]. Caxambu: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 1998. 19 p. Disponível em: <https://oestrangero.org.files.wordpress.com/2012/05/sakurai-imigrac3a7c3a3o-japonesa.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2024.

SAKURAI, Célia. **Os japoneses**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

SILVA, Flávio Barbosa da; BARROS, Giulia Gonçalves de; ARAUJO, Manoel Deisson Xenofonte; CAVALCANTI, Virgínia Carrazzone; NEVES, André. **Bruce Archer**: método sistemático para designers. Pernambuco: UFP, 2017. 10 p.

SILVA, Morgan Yukawa da. **Hospitalidade x hostilidade**: os japoneses e seus descendentes no Brasil. 2020. 89 p. Tese - Faculdade de Turismo e Hotelaria, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.

SILVA, Victor Hugo Martins Kebbe da. **Um jornal entre Brasil e Japão**: a construção de uma identidade para japoneses no Brasil e brasileiros no Japão. 2008. 174 p. Dissertação - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.

TAKENAGA, Beatriz Shizuko. A divisão histórica japonesa. **Estudos japoneses**, São Paulo, v. 7, p. 5-20, 1987. DOI: 10.11606/issn.2447-7125.v7i0p5-20. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ej/article/view/142793>. Acesso em: 5 mar. 2022.